

quem não tem governo nem nunca terá, exu e o jeitinho brasileiro

ivete miranda previtali*

Exu

No panteão das religiões afro-brasileiras, Exu é sem dúvida o mais polêmico de todos os orixás. Trapaceiro, gozador, boa vida, perturbador, fomentador de brigas, intrigante, maldoso, vaidoso, orgulhoso, dono dos desejos sexuais, são algumas das inúmeras características que lhe são atribuídas pela sua capacidade de lidar e subjugar aquilo que no homem se mostra como anomalia.

Para nossa cultura, a instauração da incerteza causa a insegurança que é associada à fragilidade. Na realidade, a ordem, a certeza, parece que nos trazem a segurança, a estabilidade. Sendo assim, quando nos deparamos com um símbolo como Exu, que carrega consigo a ambiguidade, a constante presença de ruídos, a desestabilidade e a presença de uma fraqueza da consciência, que o remete ao horizonte da loucura, percebemos o quanto ele desconcerta o pensamento que está relacionado à ordem e a uma verdade única.

* Doutoranda no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC/SP, bolsista CNPq. Autora de *Candomblé: agora é Angola* (São Paulo, Annablume, 2008).

Quem não tem governo nem nunca terá...

Exu é o orixá dinamizador que propicia as mudanças que geram inseguranças e dúvidas. Isso se reflete na permanente necessidade que o homem tem de fazer escolhas para reorganizar sua vida. Todavia, essa dinâmica desestabilizadora, porque modifica, é a mesma energia que propicia a criação que está na arte da sobrevivência sob todos os aspectos, uma vez que o homem se constitui nas interações das diversas esferas da vida.

Desta forma, a desordem permanente na dinâmica de Exu nos permite compreender a complexidade do ser humano e de suas relações, uma vez que nesta dinâmica, aquilo que ilumina é aquilo que permanece à sombra.

Contudo, o temperamento revolucionário de Exu que se apresenta na mitologia sempre questionando as relações de poder e a todo o momento a desassossegar a razão, é responsável pela sua associação com o mal. Porém, Exu é a divindade que atua como mediadora entre o homem, as forças benevolentes e as hostis. É o princípio da ordem e o agente da reconciliação, embora na sua maneira de agir, esteja sempre desconstruindo para construir.

Assim é Exu, representante mais fiel do homem e o mais polêmico de todos os orixás.

A dinâmica

Nenhum orixá pode por uma ação em movimento sem Exu. É Exu quem propicia a dinâmica ritual que faz as ligações simbolizadas pela encruzilhada de três caminhos, que liga e separa.¹

É o orixá que permanentemente lida com a oposição entre o caos e a ordem. Exu, devido ao seu caráter revolucionário, está sempre a apontar para a transformação, e é no trânsito entre o acaso e a organização,

que a dinâmica de Exu revela a complexidade do ser humano.

Exu representa a força dinâmica que caminha junto, lado a lado; é o divino mensageiro que sustenta imparcialmente o homem ou a divindade que realizam sacrifícios propiciatórios. Não governa e tampouco aceita governo de alguém.

Analogamente, nas relações de poder, é o contestador que exerce com liberdade a crítica à uma sociedade ou governo.

A informação e a narrativa

O candomblé é uma religião de tradição oral. Por isso os ensinamentos e os mitos são passados de geração para geração no contato do dia a dia, na convivência com os mais velhos. Contudo, hoje em dia, a tradição oral tem se resignado às modernidades tecnológicas, em que gravadores, a escrita e computadores passaram a fazer parte do aprendizado.

A propósito, sobre o entendimento dos mitos, nós estamos acostumados com a informação e, por isso, muitas vezes sentimos dificuldades para entendermos este tipo de narrativa. A informação é a história informal, é rápida e explicativa, fala do outro e não envolve aquele que a recebe. Atualmente, com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, podemos receber os mais diversos tipos de informações, que trazem consigo os mais diferentes níveis de violência, na intimidade do lar, durante nossas refeições familiares sem que nos atrapalhe o apetite, e com a “vantagem” de nos tornarmos pessoas informadas. A notícia é exibida como um fato verdadeiro e inquestionável, por outro lado, a narrativa exige de nós um questionamento e uma participação ativa quanto a seu entendimento. Ela tem o poder de mudar a experiência.

Quem não tem governo nem nunca terá...

Walter Benjamin, em seu trabalho *Magia e técnica. Arte e política*, mostra na sua análise a essência da narrativa:

“A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ela ainda é capaz de se desenvolver.”²

Ao contar os mitos afro-brasileiros, percebi que ao final deles, os ouvintes embora muito interessados e envolvidos no processo, ficavam com interrogações. Na verdade, os relatos são secos e ao terminar perguntavam-me: E daí?

É como se ele estancasse no melhor da história, o que parece deixar um vazio.

Mesmo assim as pessoas gostavam de ouvi-los. Contudo, depois de repetidas vezes que eram narrados, percebi que havia certa satisfação e entendimento. Acredito que quando as pessoas estavam mais envolvidas no contexto da comunidade religiosa, os mitos se tornavam mais claros e embora eles não trouxessem soluções prontas e diretas, certamente poderiam ser encontradas boas respostas através deles.

Acontece que o melhor da história está no vazio que é provocado quando termina a narrativa. Mesmo que o sentido possa ser encontrado na etnicidade, o mito não nos impõe nenhum contexto psicológico, a interpretação é livre, permitindo que o interlocutor termine esta história segundo sua experiência.

O mito a seguir foi relatado em uma das conversas de roncó,³ porém acredito que algum autor já possa tê-lo escrito. Ele traz à tona a questão da autoridade e o que a liberdade de ação implica em seu reconhecimento.

*Exu é amigo muito próximo de Orunmilá.*⁴

Orunmilá viajava com Exu. A cada cidade em que passavam Orunmilá era recebido com muitas honras.

Comidas e bebidas lhes eram oferecidas, pelo reconhecimento da sabedoria e a honra de chefe Orunmilá. A viagem transcorria bem, e os dois amigos caminhavam pela estrada, indo de cidade a cidade e passavam o tempo a conversar sobre suas aventuras. Orunmilá se vangloriava de seu reconhecimento social. Dizia que era respeitado por onde passava e que não importava onde estivessem, por mais longínquas que fossem as terras, ele era conhecido e todos estariam lhe esperando com honrarias.

Exu caminhava lado a lado com Orunmilá e apenas dizia: “É mesmo babá? A despeito do que fizer todos sempre o reconhecerão? Seu poder é muito maior que qualquer desonra? O babá é mesmo muito poderoso...”

Orunmilá confirmava.

Passaram por uma vila e foram, como predizia Orunmilá, recebidos com muitas honrarias. Um grande banquete os esperava, com fartura de comida e bebida, músicos tocaram os tambores falantes em sua homenagem e todos dançaram. Cansados depois de farta comida e muita festa foram dormir.

Na manhã seguinte, despediram-se do chefe e saíram pela estrada a seguir viagem.

Orunmilá continuava a se vangloriar de seu poder. Exu caminhava ao seu lado, comentando a festa do dia passado. Num determinado momento Exu se afastou de seu amigo e entrou no mato.

Logo em seguida volta e se põe a andar novamente ao lado de Orunmilá.

Orunmilá sem compreender o afastamento do amigo lhe pergunta: “Onde foi, Exu?”

Exu despreziosamente respondeu: “Não foi nada. Eu já estou de volta.”

Continuaram caminhando.

Quem não tem governo nem nunca terá...

Após alguns momentos, Orunmilá percebeu que do bolso de Exu respingava sangue, que deixava um rastro no chão de terra.

Sem compreender aquilo, perguntou: “Exu, o que é isso? Há sangue pingando do seu bolso. O que tem aí?”

Exu, muito tranquilo, respondeu: “Ah meu amigo. Isso... não é nada. Quando entrei no mato vi uma criação de galinhas, peguei uma, cortei sua cabeça e coloquei a galinha no bolso.”

Orunmilá, estupefato, exclamou: “Como você pôde fazer isso? Você não sabe que isso é proibido? Você não sabe que pelo roubo nos darão pena de morte? Eles vão nos seguir e nos achar, ainda mais com este rastro de sangue que você deixou.”

Exu sem se abater disse: “Ora Orunmilá, você não vai se incomodar com isso, afinal um chefe tão respeitado, tão reconhecido, certamente estará acima destas punições. Quando virem que fomos nós que roubamos e matamos a galinha, eles nada farão contra o chefe Orunmilá!”

Orunmilá, inconformado, retrucou: “Não tem nada disso, Exu. É melhor corrermos porque já escuto a gritaria do povo atrás da gente.”

Saíram os dois correndo e do bolso de Exu continuava a pingar sangue.

Ao saber do roubo, a população da vila se armou de porretes e saiu à caça dos ladrões. Logo perceberam o rastro deixado na estrada, seguindo-o na direção certa em que ia o ladrão.

Exu e Orunmilá correram muito e ao perceberem que não conseguiriam fugir, Orunmilá se jogou no chão e se transformou num rio, Exu se curvou e, de cócoras, transformou-se numa pedra.

O povo que vinha no encalço deles logo chegou e todos cansados perceberam que não encontrariam os ladrões.

Cansados, pararam todos ali perto daquele rio onde alguns beberam água e outros se sentaram naquela pedra.

Exu, nesse mito, provoca uma revolta contra a ordem. Isso pode parecer um desacato à autoridade superior, uma vez que Orunmilá é um chefe, alguém que se gabava de deter o poder acima de qualquer suspeita. Porém, quando Exu o provoca com o roubo da galinha e ao deixar um rastro, ele problematiza a verdade sustentada pela autoridade de Orunmilá. Certamente esta foi uma atitude libertária de Exu.

Também foram contestados os poderes disciplinares vigentes naquela sociedade uma vez que a punição prevista não chegou a ser impingida aos que haviam cometido o roubo.

A constrangedora ação de Exu acarreta modificações, altera a lei e adequa os costumes.

Exu age com liberdade tal que resulta em uma atitude pouco pacífica, pouco diplomática, uma vez que a perseguição só não termina em luta porque ambos tinham no mito a capacidade de transformação.

Exu e o jeitinho brasileiro

Exu, orixá oriundo da religião tradicional ioruba, quando chega ao Brasil, encontra-se com outras deidades que de alguma forma tinham coisas em comum. O candomblé se organiza como religião com diversos elementos de diferentes nações africanas que conservam algumas características próprias da origem africana.

Segundo Liana Trindade, no Brasil: “Exu é o resultado de um processo onde se perderam os quadros sociais de referência pela degradação sócio-cultural do escravo africano. Houve o deslocamento de símbolos de uma estrutura lógica de pensamento, para adquirir novos

Quem não tem governo nem nunca terá...

sentidos fornecidos por um outro contexto de relações estruturais.”⁵

Contudo, mesmo que esse símbolo seja ressignificado, o Exu brasileiro conserva as suas características fundamentais que são reveladas nos mitos.

Uma associação de Exu é com a atividade sexual. Ele está relacionado tanto com ancestralidade feminina quanto com a masculina e conserva em si características de ambos os sexos. Podemos observar que Exu é representado por um ogó, que é um porrete de madeira com aparência fâlica, porém vemos esculpido em alguns deles a representação plástica de uma mulher, significando a transversalidade sexual de Exu. Por ser assim, Exu, ao tornar-se brasileiro, encontra a brecha para se desdobrar em macho e fêmea.

É interessante notar que no Brasil, nos terreiros de candomblé angola e muitos candomblés de nação queto,⁶ Exu assume dois diferentes papéis: um dos papéis é aquele em que Exu acompanha o Orixá. Para esse Exu normalmente fica reservado um cômodo do terreiro onde o acesso não é permitido a qualquer pessoa. Ele “trabalha” somente junto e para o inquice ou orixá e a única pessoa que tem acesso a seu assentamento para obter benefícios é o próprio iniciado.

Outra representação de Exu é aquela em que ele representa o guardião. Sua morada é na entrada dos terreiros e tem a finalidade de proteger a casa de candomblé das demandas, além de atender aos desejos dos homens que o procuram para que ele os ajude a resolver os mais diversos problemas do dia a dia.⁷

Esse Exu é carinhosamente conhecido pela comunidade como “companheiro” ou “compadre”. É nessa categoria que o Exu brasileiro se divide em macho e fêmea.

Curiosamente, o nome do *inquice bombogira*⁸ sofre uma corruptela e se transforma em pombagira, a Exu fêmea.

Os adeptos têm certo grau de intimidade, carinho e respeito por essas “entidades”, que representam o espírito de pessoas que viveram à margem da moral social. São espíritos de mulheres, delinquentes, malandros, prostitutas, gente que viveu à margem da sociedade e que o complexo simbólico de Exu permite formar uma força peculiar, às avessas, que nesse movimento vem se inserir, pode-se dizer, com certo glamour, na vida social sem contrariar nenhuma norma moral. No limite, podemos encarar esse arranjo como uma insurreição dos marginalizados e adequação dos costumes.

Ao ler um artigo do professor João Neto sobre a “genealogia do malandro”, fiz a pergunta: Será que essa ressignificação do Exu no Brasil não tem a ver com a forma de ser de alguns grupos sociais brasileiros?

Seguindo a pista fornecida pelo autor, podemos então, também flunar sobre o pensamento de Nietzsche,⁹ e confrontar a dicotomia ocidental entre o bem e o mal com a complexidade de Exu onde o bem e o mal estão devidamente vinculados.

No ocidente, os valores morais que orientam a ética são aqueles que desprezam a vida terrena para valorizar um mundo pós-morte. Herança do cristianismo e do platonismo no ocidente, o mundo espiritual é superior à vida terrena considerada transitória, grosseira e inferior.¹⁰

Por outro lado, Exu trata da *vida*, do bem estar hoje, da sobrevivência do homem. Não é no reino de Deus que o homem vai ser feliz, a felicidade plena tem que ser agora. Vida tem que ser boa e prazerosa. O prazer está em ter alimento, em trabalhar e que esse trabalho renda bons frutos, em amar e ser amado, em ter saúde, bons filhos, bons maridos e esposas, está também no sexo e no descanso.

Quem não tem governo nem nunca terá...

Para João Neto, da mesma maneira como já havia ressaltado a antropóloga Livia Barbosa: “o jeitinho, a malandragem e congêneres surgem como uma espécie de mecanismo de adaptação às situações perversas da sociedade brasileira”,¹¹ constituindo-se assim um artifício de sobrevivência, uma espécie de “drible” “(...) nas adversidades da vida, num país, historicamente, repleto de desigualdades.”¹²

Ainda segundo esse autor, esta categoria é aceita porque “a vida se impôs perante as leis e os costumes éticos formalizados, fazendo as circunstâncias efetivas se sobreporem à moral vigente.”¹³

Por conseguinte, mesmo que essa “marginália” aja de maneira ilegal e reprovável ela é uma massa de sobreviventes e neste caso a *vida* é o referencial que afirma a transgressão.

Assim, fiquei curiosa de saber por que as consultas com Exus são tão concorridas e perguntei a um frequentador por que gostava tanto deles e ele me respondeu: “Porque eles são ótimos. Sempre dão um jeitinho.” Certamente um “jeitinho bem brasileiro”.

Podemos então, em uma analogia, pensar que o compadre e as pombagiras também fazem parte do caráter do povo brasileiro. Detentores da ginga, do malemolejo ao falar, do jogo de cintura, essas entidades encantam os que as procuram por transitarem entre a ordem estabelecida e as condutas transgressivas.

E se a transgressão passou a ser um elemento constituinte da identidade de alguns grupos sociais no Brasil, quando os compadres e pombagiras despontam, há uma identificação de parte do povo com essa marginalia sobrevivente e admirada por ser vitoriosa na luta pela vida.

Notas

¹ Juana Elbein dos Santos. *Os Nagôs e a Morte*. Petrópolis, Vozes, 1993.

² Walter Benjamin. *Magia e técnica. Arte e política — Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1994, p. 204.

³ Roncó: lugar reservado no candomblé onde os iniciados passam meses recebendo lições de culto e participando de ritos propiciatórios para receberem a aproximação do orixá a que se dedicam.

⁴ Orunmilá que é o Orixá da sabedoria, segundo o mito, é ele que está presente para ouvir a escolha do destino do ser humano, quando este vem nascer na Terra (ayê). Acredita-se que o destino tem duas formas de ser obtido, ou ele é dado para o ser humano ou é escolhido. Contudo, não importa de que maneira o destino fora adquirido, uma vez que no momento o importante é saber que no ato da escolha há um Orixá presente chamado Orunmilá e por isso ele é o conhecedor de todos os destinos. Essa condição lhe proporciona, através de jogos divinatórios, a possibilidade de ajudar os homens a encontrar seu melhor destino nos momentos de dúvidas.

⁵ Liana Trindade. *Exu — poder e perigo*. São Paulo, Icone, 1985, p. 35.

⁶ Queto: nação de candomblé originária do povo ioruba.

⁷ Ivete Miranda Previtali. *Candomblé: agora é angola*. São Paulo, Annablume, 2008.

⁸ Nos candomblés de nação Congo/Angola Exu é sincretizado com *Bombogira*, *Aluvaiá*, *Carococi*, *Pangira*, *Jiramavambo*, *Mavambo*.

⁹ Friedrich Nietzsche. *Além do bem e do mal*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, Schwarcz, 1992.

¹⁰ João E. Neto. “Genealogia da Malandragem” in *Ciência & Vida: Filosofia*, n° 37. São Paulo, 2009, pp. 19-29.

¹¹ Idem, p. 25.

¹² Ibidem, p. 26.

¹³ Ibidem, p. 26.

Quem não tem governo nem nunca terá...

RESUMO

Exu é um dos orixás do panteão afro-brasileiro que, devido a seu dinamismo e seu comportamento perturbador, tornou-se o mais polêmico de todos os orixás. Contudo, ele é o princípio da ordem e o agente da reconciliação, embora na sua maneira de agir esteja sempre desconstruindo para construir. Ao chegar ao Brasil esse símbolo é ressignificado, e mesmo que conserve as características fundamentais que são reveladas no orixá africano, o Exu brasileiro se desdobra em macho e fêmea. Nesse contexto surgem as pombagiras e compadres que, embora sejam representantes de uma marginalia característica brasileira, são muito estimados. Essa insurreição dos marginalizados, por ter como referencial a vida, produz uma inversão de papéis que, desta forma, afirma a transgressão.

Palavras-chave: Exu, religião afro-brasileira, transgressão.

ABSTRACT

Exu is one of the Afro-Brazilian pantheon's orixás who due to its dynamism and disturbing behavior became the most polemic orixá. However, he is the principle of order and the agent of reconciliation, although in his way of acting, he is always deconstructing in order to construct. Arriving in Brazil, the symbol is reframed and, even though it retains the fundamental characteristics that are revealed in the African orixá, the Brazilian Exu unfolds itself in male and female. In this context the pombagiras and compadres show up and are much appreciated although representing a marginalia Brazilian feature. This insurrection of the marginalized, for having life as a reference, produces an inversion of roles that, in this way, affirms the transgression.

Keywords: Exu, Afro-Brazilian religion, transgression.

Recebido para publicação em 4 de agosto de 2009. Confirmado em 1 de setembro de 2009.